

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PSICOLOGIA EM ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Angela Link Saccol; Mônica Flügel Hill; Helder Jaime Kus; Edival Sebastião Teixeira**

Alunos do Mestrado em Desenvolvimento Regional da UTFPR, Campus Pato Branco; Professor do Mestrado em Desenvolvimento Regional da UTFPR, Campus Pato Branco.

**Resumo** - O artigo relata estudo que teve por objetivo identificar e analisar representações de psicologia presentes em um grupo de estudantes de graduação em psicologia de uma instituição de ensino privada localizada na região sudoeste do Paraná, bem como suas áreas preferenciais de atuação após a conclusão do curso. Os dados foram coletados mediante a utilização de um questionário composto por cinco questões abertas. Para a análise dos dados foram utilizados os procedimentos da análise de conteúdo. Os resultados sugerem que a maior parte dos entrevistados concebe a psicologia como sendo o estudo do comportamento e das emoções do ser humano. Como áreas prioritárias de atuação, os participantes da pesquisa apontaram a psicologia hospitalar, a psicologia clínica e a psicologia jurídica. As áreas de psicologia escolar e psicologia organizacional foram apontadas como as de menor interesse.

**Palavras-Chave:** representações sociais, formação em psicologia, graduação.

**Abstract-** This paper reports a study that aimed to identify and analyze representations of psychology in a group of graduate students in Psychology located at the southwest region of Paraná as well as its preferred fields of work after finishing its studies. Data were collected using a question form with five questions. To analyze the data it was used the procedures of content analysis. The results suggest that the majority of the students interviewed conceives the psychology as the study of the behavior and emotions of the human being. As the main fields of work, the interviewed mentioned the hospital psychology, clinical psychology and juridical psychology. The fields of school psychology and organizational psychology had the minor interest.

**KeyWord:** social representations, psychology education, undergraduation.

### 1. INTRODUÇÃO

A teoria das representações sociais surgiu na França nos anos de 1960 a partir das pesquisas de Serge Moscovici sobre as formas pelas quais a psicanálise penetrou no pensamento popular francês (MOSCOVICI, 2003). Ao contrário do conceito de representações coletivas de Durkheim, Moscovici propôs que as representações sociais são dinâmicas e sujeitas à variação e à diversidade que caracterizam a sociedade moderna.

A teoria se concentra na idéia de que os sujeitos buscam explicações e teorizam sobre uma série infinita de assuntos e procura explicar como esse fenômeno humano se manifesta a partir de uma perspectiva coletiva, sem contudo, subtrair ao sujeito sua singularidade.

De acordo com Mazzotti, (2002, p. 17), Moscovici

entende que sujeito e objeto não são funcionalmente distintos, pois ambos formam um conjunto indissociável. Isso equivale a dizer que determinado "objeto não existe por si mesmo, mas apenas em relação a um sujeito (indivíduo ou grupo); é a relação sujeito-objeto que determina o próprio objeto". Desta forma, quando um sujeito cria uma representação de determinando objeto ele, com efeito, o está reconstruindo em seu sistema cognitivo, visando, com isso, adequá-lo ao seus sistemas de valores. (MAZZOTTI, 2002).

Denise Jodelet, uma das principais estudiosas e divulgadora da teoria, definiu sinteticamente as representações sociais como "uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto

social" (JODELET, 1998, p. 36).

Já Reigota (2007, p. 70) trabalha com a definição de representações sociais como sendo "um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos que, através delas, compreendem e transformam sua realidade".

Franco (2004), por sua vez, refere-se às representações sociais como elaborações mentais construídas por um grupo social, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Essas representações, para a autora, são mediadas pela linguagem e estão ancoradas no contexto da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem.

Assim, considerando os autores mencionados, entendemos que parece não haver dicotomia entre objeto e sujeito do conhecimento, o que nos leva a concluir que o objeto pensado e falado é, portanto, fruto da atividade humana. E é isso nos dá a possibilidade de, segundo Franco (2004), inferir concepções de mundo e deduzir orientações para a ação a partir de manifestações da linguagem.

Moscovici (2003), entende as representações como saberes do senso comum construídos nas relações entre as pessoas. No dia-a-dia, as pessoas analisam, conversam e pensam sobre os mais diferentes temas e elaboram representações, que passam a influenciar suas relações e comportamentos sociais

Ao serem compartilhadas, as representações sociais se constituem em uma espécie de "teoria leiga" sobre idéias e objetos, tornando o que é sentido como incomum em algo comum e familiar, procedimento este que determinado sujeito faz na tentativa de manter o seu mundo estável e seguro.

Para Guareschi (2003), a questão da não-familiaridade torna-se mais compreensível quando Moscovici mostra que a sociedade é um sistema de pensamento, onde existem dois universos: o universo reificado e o universo consensual. No universo reificado circulam as ciências e o pensamento erudito, que procuram trabalhar com o máximo possível de objetividade. Já nos universos consensuais está o senso comum, a comunicação, as práticas de interação cotidianas, que colaboram para a existência de representações sociais e que tiveram origem no universo reificado, mas foram reapropriadas pelos demais integrantes da sociedade de uma forma particular, através de uma lógica diversa daquela em que se produzem os conhecimentos científicos. Portanto, representar algo não é simplesmente repeti-lo, mas, sim, reconstituí-lo, modificando-lhe em certo sentido.

Sendo assim, nem todo conhecimento pode ser considerado representação social, mas somente aquele que faz parte da vida cotidiana das pessoas, que é elaborado socialmente e que trabalha no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a

realidade. Trata-se, portanto, de um conhecimento prático que se opõe ao pensamento científico, embora dele seja derivado.

Voltando a Moscovici, as representações sociais se estabelecem frente a dois processos: a objetivação e a ancoragem. Eles servem para ajudar a nos familiarizar com o 'novo', primeiro inserindo-o no nosso quadro de referência, onde pode ser comparado e interpretado, e depois reproduzindo-o e colocando-o sob controle (MOSCOVICI, 2003).

Na objetivação, as idéias abstratas transformam-se em imagens concretas, através do reagrupamento de idéias e imagens sobre o mesmo assunto. Já a ancoragem se refere à assimilação das imagens criadas pela objetivação, sendo que estas novas imagens se juntam às anteriores, nascendo assim novos conceitos e novas representações sociais. (MOSCOVICI, 2003).

Após os estudos iniciais de Moscovici, vários pesquisadores desenvolveram importantes contribuições à teoria e, atualmente, a mesma vem sendo muito utilizada nas áreas de psicologia, educação, saúde coletiva e meio ambiente, dentre outras, para explicar comportamentos humanos em diversos contextos.

O estudo das representações sociais investiga, então, como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar assuntos, pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. Por isso, tais investigações aportam elementos essenciais para a compreensão de comportamentos e práticas sociais.

Justamente visando compreender o sistema de referências que estudantes do último período da graduação em psicologia de uma instituição privada localizada na região sudoeste do Paraná construíram em seus imaginários com relação ao próprio significado de psicologia, é que foi desenvolvido o estudo do qual ora se apresentam os resultados.

### **A formação do psicólogo**

A formação do psicólogo é um tema impregnado de complexidades e diversidades de saberes, produtora, de um lado, de uma formação rica e variada e, de outro, apresentando certa tendência a uma segmentação e fragmentação nos cursos de formação. Um exemplo desta compartimentalização é a separação entre a psicologia clínica, a qual objetiva a intervenção individual, e a psicologia social, que atende os grupos.

A psicologia é relativamente nova no Brasil, tanto como profissão como área de ensino e pesquisa. Na década de 1930 surgem os primeiros cursos e, a partir de 1940, aparecem movimentos de organização de profissionais, instituições e associações de pesquisas e núcleos de estudos. Porém, enquanto ciência ela existe há séculos.

Boarini (2007), complementando esta ideia, relata que foram os principalmente os médicos, que popularizaram e estimularam a ciência psicológica no Brasil e que, das diversas correntes introduzidas aqui, no início do século XX, a mais privilegiada foi a vertente psicométrica.

Isso ocorreu porque, devido as necessidades da época e o nacionalismo exacerbado, a avaliação psicológica era reconhecida como uma aliada no trabalho de classificar a população, “de acordo com suas aptidões e habilidades cognitivas, e desta forma contribuir na transformação do Brasil em uma grande Nação” (BOARINI, 2007, p. 443).

Mesmo com sua história recente, a psicologia é marcada por mudanças de paradigmas que mostram a tentativa de romper com os padrões tradicionais da teoria e da prática psicológica. Em nosso país, desde seu início, a psicologia esteve ligada à educação, cujo foco de atuação era o atendimento as dificuldades de aprendizagem dos alunos, como salienta Carvalho e Marinho-Araújo (2009, p. 66)

O paradigma positivista, sobre o qual a Psicologia científica nasceu há pouco mais de um século, definiu um padrão de ciência psicológica que fora adotado pelo Brasil e transposto para a prática educativa em forma de um modelo clínico e acrítico de intervenção na escola.

Segundo Calais e Pacheco (2001, p. 11/2), “com a promulgação da Lei 4119, em 1962, inicia-se o período profissional da Psicologia pois, por esse instrumento legal, foi regulamentada a profissão de Psicólogo ao mesmo tempo em que se definiram as disposições legais sobre a formação em Psicologia”.

A partir das décadas de 1970 e 1980, houve inúmeras críticas e um certo rompimento a essa psicologia, surgindo, então, uma psicologia para atender à exigência de compromisso social.

Segundo Netto (apud NORONHA, 2003, p. 169), a formação do psicólogo atende alguns objetivos, como

a) atender às necessidades da preparação do profissional para a atuação; b) proporcionar ao aluno um conjunto amplo e diversificado de conhecimentos, habilidades, atitudes e procedimentos, de modo que caracterize a Psicologia como ciência e profissão; c) contribuir para o progresso científico; e d) estimular o florescimento de um saber e de um fazer originais brasileiros.

Assim, cabe a universidade a tarefa de avaliar e reestruturar os cursos com o intuito de formar profissionais qualificados e comprometidos com as transformações que ocorrem na sociedade, já que é a instituição a responsável por esta formação.

Em 1984, por exemplo, foi elaborado o Programa de

Estudos e Debates sobre a Formação e Atuação do psicólogo, que visava uma parceria entre os conselhos regionais e as universidades, objetivando a busca por uma proposta mais adequada para os cursos de Psicologia do Brasil (NORONHA, 2003).

A formação do psicólogo e o ensino de psicologia têm despertado interesse de pesquisadores nacionais e internacionais, pois há preocupação com questões relativas à formação e atuação destes profissionais.

Para Witter (apud CALAIS e PACHECO, 2001), estes estudos vêm refletir temas referentes à melhoria da qualidade do ensino nos cursos, resultando em práticas profissionais críticas, atualizadas e que atenda à demanda da sociedade, o papel e a atuação que estes profissionais desempenham na sociedade.

Desse modo, Duran (apud CALAIS e PACHECO, 2001, p.12) reforça que

hoje é necessário que a formação do psicólogo seja geradora de um perfil que lhe possibilite ver o fenômeno psicológico na sua interdependência com o contexto sócio-cultural, atuar em equipes multidisciplinares, estar engajado nos movimentos de transformação social, gerando conhecimento e tecnologias apropriadas à realidade em que atua.

Nos dias de hoje, a formação do psicólogo necessita de uma ampla revisão em suas características básicas, de modo a fazê-la responder melhor às demandas mais atuais da sociedade brasileira. Este exercício parece ser necessário para qualquer ciência, pois a qualidade da formação profissional deve ser sempre questionada, no sentido de buscar a qualidade e responsabilidade pelas ações realizadas.

Ressalta-se, ainda, que o investimento destinado à formação acadêmica é de grande importância para uma formação de qualidade, já que a problematização e construção do conhecimento de maneira interdisciplinar é essencial. Este olhar crítico sobre a formação do psicólogo produz novos saberes e novas práxis.

### **Método**

Participaram da pesquisa 21 sujeitos com faixa etária variando entre 20 e 52 anos, sendo que apenas 2 sujeitos têm idade igual ou superior a 35 anos. A média de idade foi de 24 anos. Quanto ao sexo, apenas 3 sujeitos eram do sexo masculino.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário composto por 5 questões abertas:

- 1) O que lhe vem à mente quando pensa em psicologia?
- 2) Como você percebe a inserção do psicólogo no mercado de trabalho?
- 3) Na sua opinião, quais os campos da sociedade

em que o psicólogo deveria se inserir e ainda não o fez?

4) Em que área da psicologia você pretende atuar após a sua formação?

5) Qual a área da psicologia de menor interesse para você?

Os dados foram organizados e analisados através dos procedimentos da análise de conteúdo, a qual pode ser definida como “uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações” (BARDIN, 1977, p. 360).

Desta forma, para a identificação do conteúdo das representações sociais de psicologia, as opiniões e comentários foram submetidos à análise temática baseada em um sistema de categorias. Com o propósito de análise, foram computadas as frequências com que os vários conteúdos temáticos apareceram e, posteriormente, calculadas as porcentagens de suas incidências.

Mediante o agrupamento e classificação das respostas obtidas, foram identificadas 4 categorias de análise: 1ª) definição de psicologia; 2ª) visão do mercado de trabalho; 3ª) áreas da psicologia de maior interesse de atuação; e 4ª) áreas de menor interesse.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alguns autores sugerem diversas tipologias de carreiras. Dentre eles, Ferretti (1976) propõe a existência de profissões masculinas, profissões femininas e profissões neutras. Em seu estudo, o autor cita a Psicologia como a quarta carreira com maior presença feminina (87,1%). Desta forma, por serem definidas culturalmente como mais apropriadas à mulher, determinadas carreiras têm tido uma predominância de mulheres entre os seus alunos (BARROSO & MELLO, 1975), sendo esse o caso da psicologia, o qual pode ser verificado também na proporção de homens e mulheres sujeitos do nosso estudo.

No que diz respeito às categorias definidas nesta pesquisa, a primeira – definição de psicologia mostrou que grande parte dos alunos (62%) tem idéias semelhantes, considerando a psicologia como sendo o estudo do comportamento e das emoções do ser humano em diferentes contextos sociais e culturais, na busca de entendê-lo na sua totalidade.

Vários sujeitos relataram também que o psicólogo é aquele que orienta e auxilia na busca de novos modos de vida, que ajuda a fortalecer o indivíduo para enfrentar sozinho seus maiores e mais íntimos problemas consigo mesmo e com o outro, melhorando sua qualidade de vida e bem-estar. A expressão “diminuição do sofrimento psíquico” foi

bastante citada pelos alunos como uma das “tarefas” do psicólogo.

Um estudo intitulado: “A Representação Social do Trabalho do Psicólogo”, de Praça & Novaes (2004), apresenta resultados semelhantes aos que obtivemos na temática dos objetivos profissionais dos psicólogos, dentre os quais se destacam itens como: “ajudar pessoas”, “melhorar a qualidade de vida” e “promover a saúde e o bem-estar”. Na opinião de Praça & Novaes (2004), as manifestações dos estudantes deixam transparecer uma idéia assistencialista, oriunda de uma visão individualizante do outro, em detrimento de uma perspectiva de conscientização, de cidadania, voltada para a coletividade, para trocas intersubjetivas.

Essa idéia de intervenção profissional voltada para o ajustamento do homem ao meio chama a atenção. Moura (1999) comenta sobre isso, alertando para a ausência da dimensão social na concepção de psicologia presente em muitos psicólogos.

Bock (1997) vai mais além e acredita que o discurso de ajudar o outro a adaptar-se, a buscar a felicidade e o equilíbrio evidenciam uma noção onipotente da profissão. Segundo a autora, o psicólogo sai da universidade com a idéia de que tem nas mãos a possibilidade de fazer do outro uma pessoa feliz, colocá-la em movimento, se reestruturar, pois é portador de um conhecimento e dotado de certa “intuição”.

No entanto, ao mesmo tempo há uma contraposição com relação a esta percepção. O discurso do psicólogo é que ele não muda o outro, mas, sim, contribui para que esse outro se modifique. E aí a onipotência se veste de certa humildade, segundo a mesma autora.

Esmiuçando a questão da “vontade” de ajudar o outro, Holland (1997) relata que a escolha de uma determinada profissão pode expressar a personalidade dos indivíduos e que os membros de uma categoria profissional possuem histórias de vida e personalidades semelhantes. Para ele, as pessoas podem ser classificadas de acordo com seis orientações de personalidade: realista, investigativo, artístico, social, empreendedor e convencional. Os psicólogos e demais profissões de “apoio” estão enquadrados no tipo social, que se interessam pelos vínculos humanos e possuem sensibilidade e responsabilidade na busca de auxiliar, orientar, tratar e resolver as dificuldades dos outros.

Quanto à segunda categoria – visão do mercado de trabalho - dos 21 alunos pesquisados, 14 (66%) deram basicamente a mesma resposta, ou seja, que a psicologia vem sendo reconhecida e vista pela população como importante em diversos níveis e aspectos e que está inserida com sucesso em determinados campos de trabalho. Porém, alegam que essa carreira ainda enfrenta alguns

preconceitos da sociedade e resistências de outros profissionais.

Na área clínica, por exemplo, acreditam que a população tem procurado mais o psicólogo para ajuda e acompanhamento, mas relatam que a profissão ainda é vista por muitos com sendo tipicamente para tratamento de "loucos".

Com efeito, a imagem do psicólogo junto ao público leigo ainda parece restrita ao modelo clínico, conforme cita Weber (1991). O psicólogo é visto como "alguém que sabe, e a partir deste saber ensina ou orienta os outros a como resolver seus problemas" (GOMES et al. 1996, p. 126).

Na área hospitalar, foi mencionado que o psicólogo parece estar inserido neste campo de trabalho, mas que há falta de integração com os demais profissionais. Nesse sentido, foi abordada a importância do psicólogo também nos centros cirúrgicos, principalmente na hora da preparação do paciente para a cirurgia e pós-cirurgia.

Outro campo de trabalho citado pelos sujeitos foi o curso de medicina, no sentido de apoiar os futuros médicos num melhor atendimento aos pacientes e no fornecimento de diagnósticos, ou seja, prepará-los melhor para "lidar com o emocional das pessoas".

Destacou-se, ainda, a importância do psicólogo em instituições como Instituto Médico Legal, no sentido de dar suporte em situações de violência, exames de corpo de delito, apoio aos familiares das vítimas que vão a óbito, identificação do corpo, e apoio também aos funcionários.

No campo da publicidade e propaganda, um sujeito mencionou que a contribuição do psicólogo serviria para o estabelecimento de perfis de comportamento, na criação de produtos e realização de comerciais.

Foi mencionada, ainda, a falta de psicólogos para ajudar em casos de desastres naturais; isto é, uma psicologia das emergências. Apenas um sujeito comentou sobre a importância de se trabalhar mais com a prevenção, pois, para ele, se dá muita ênfase e prioridade ao tratamento.

A falta de formação continuada foi citada por um aluno como sendo um empecilho na inserção do psicólogo no mercado de trabalho. Mencionou-se, também, que o psicólogo poderia se inserir ainda mais na área social, junto às comunidades. Foi apontada como importante também a inclusão da psicologia no currículo do ensino fundamental e médio, assim como a cadeira de filosofia.

A visão geral dos sujeitos quanto à inserção profissional é a de que o psicólogo precisa usar da sua criatividade para abrir novos caminhos e se inserir no mercado de trabalho, atendendo à demandas atuais e descobrindo novas áreas de atuação.

Os dados relativos à terceira categoria - áreas da

psicologia de maior interesse de atuação - mostraram que a psicologia hospitalar e a psicologia clínica, respectivamente, foram as áreas de maior preferência entre os estudantes. A hospitalar obteve sete citações (33,3%), sendo cinco delas como primeira escolha.

A escolha da área hospitalar em primeiro lugar parece indicar que o atendimento clínico em consultório, estereótipo de atuação psicólogo e idealizado tanto pelos alunos que entram nos cursos de psicologia quanto os que saem em busca de inserção no mercado de trabalho, já esteja cedendo espaço em favor de outros campos de atuação.

Nesse sentido, observamos que a psicologia jurídica também obteve destaque com quatro citações como área de interesse, sendo três delas marcadas como primeira opção, para as quais alguns sujeitos ressaltaram a crescente demanda por serviços de psicólogos na área.

O trabalho de psicólogos em organizações do Poder Judiciário é relativamente recente. Razão esta que indica o mesmo necessitar de estudos para o aprimoramento dos serviços prestados à população. Segundo Leal (2008), o psicólogo jurídico deve estar apto para atuar no âmbito da Justiça considerando a perspectiva psicológica dos fatos jurídicos; colaborar no planejamento e execução de políticas de cidadania, direitos humanos e prevenção da violência; fornecer subsídios ao processo judicial; além de contribuir para a formulação, revisão e interpretação das leis.

Caires (2003) relata que grandes teóricos do direito reconhecem a importância do psicólogo nesse campo, envolvendo o indivíduo, a sociedade e a justiça. Contudo, a autora destaca a necessidade de uma maior qualificação desses profissionais para atuarem nessa área profissional, o que vem ao encontro do pensamento dos alunos pesquisados.

Outras áreas destacadas pelos estudantes como de pretensão de atuação foram a saúde pública e a psicologia social/comunitária, porém com menor intensidade.

No que diz respeito à quarta categoria - áreas de menor interesse - a mais citada foi a psicologia escolar e educacional, com 7 citações, sendo as justificativas baseadas principalmente na falta de habilidade/afinidade com crianças e adolescentes. A segunda área de menor interesse dos alunos foi a organizacional, sendo que a única justificativa apresentada mencionou a falta de habilidade pessoal.

As psicologias social, ambiental e jurídica foram mencionadas com o sendo as de menor interesse por apenas um sujeito. Sobre esta última, um sujeito relatou a falta de conhecimento suficiente para atuar nesta área.

A área hospitalar também apareceu como preterida por 23% dos estudantes. As justificativas demonstraram dificuldades em lidar com o

sofrimento alheio, com a morte e a relação com os familiares dos pacientes que vêm a óbito, principalmente quanto à oncologia. Também houve um relato sobre o ambiente hospitalar ser “bastante doloroso”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados sugere que os participantes possuem uma representação de psicologia como uma área de atuação relacionada ao bem-estar interior e à orientação das emoções e comportamentos, o que, por sua vez, promove a saúde e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida.

Quanto à atuação profissional do psicólogo no mercado de trabalho, esta é destacada como importante e reconhecida pela população. Contudo, na visão dos sujeitos, persistem na população alguns preconceitos sobre a profissão e os profissionais de Psicologia.

Dentre as áreas pretendidas, destacaram-se a hospitalar, clínica e jurídica e, para as preteridas, a área escolar, organizacional e também a hospitalar. A área hospitalar apresentou uma divisão importante na preferência dos alunos.

Nossos dados também sugerem que estes acadêmicos necessitam de maiores esclarecimentos acerca das possibilidades de atuação, pois muitos sabem o que não querem fazer, mas não sabem explicar o motivo ou, ainda, têm uma percepção incorreta, como é o caso da área escolar, cujas justificativas giram em torno da “falta de habilidade/afinidade com crianças e adolescentes”.

### REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOARINI, Maria Lucia. A formação do psicólogo. Psicologia em Estudo. Maringá, v. 12, n. 2, p. 443-444, maio/ago, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a27.pdf> Acesso em 09/05/2011.
- BOCK, A. B. M. A Formação do Psicólogo: um Debate a Partir do Significado do Fenômeno Psicológico. Psicologia: ciência e profissão. Brasília, v. 17, n. 2, p.37-42, 1997.

CAIRES, Maria A. F. Psicologia Jurídica: implicações conceituais e aplicações práticas. São Paulo: Vetor, 2003.

CALAIS, Sandra Leal; PACHECO, Elisabeth M. de Camargo. Formação de psicólogos: análise curricular. Psicologia Escolar e Educacional. Campinas, vol.5, n.1, p. 11-18, jun, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v5n1/v5n1a02.pdf> Acesso em 09/05/2011.

CARVALHO, Tatiana Oliveira de; MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria. Psicologia Escolar no Brasil e no Maranhão: percursos históricos e tendências atuais. Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). Campinas, vol.13, n.1, jan/jun, p.65-73, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n1/v13n1a08.pdf> Acesso em 08/05/2011.

FRANCO, M. L. P. B. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. Cadernos de Pesquisa. v. 34, n. 121, jan./abr., p.169-186, jan./abr. 2004.

FERRETTI, C. J. A mulher e a escolha vocacional. Cadernos de Pesquisa. v.16, p. 20-40, 1976.

GUARESCHI, P. Sem dinheiro não há solução: ancorando o bem e o mal entre neopentecostais. In: Textos em representações sociais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HOLLAND, J. O. Mak-ing Vocational Choices: A theory of vocational personalities and work environments. Odessa: PAR. Revista Brasileira de Orientação Profissional. Versão impressa, 1997.

JODELET, D. As representações sociais. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1998.

MAZZOTTI, A. J. A. A abordagem estrutural das representações sociais. In: Psicologia da Educação. São Paulo, PUC/SP, n. 14/15, p.17-37, 2002.

MOURA, E. P. G. A Psicologia (e os Psicólogos) que temos e a psicologia que queremos: reflexões a partir das propostas de diretrizes curriculares (MEC/SESU) para os cursos de graduação em psicologia. Psicologia: ciência e profissão. v. 19, n. 2, p.10-19, 1999.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social, 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

NORONHA, Ana Paula Porto. Docentes de psicologia: formação profissional. Estudos de Psicologia. vol. 8, n.1, p.169/173, Natal, Jan/Abr, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17247.pdf> Acesso em 13/05/2011.

PRAÇA, K. B. D., NOVAES, H. G. A representação social do trabalho do psicólogo. Psicologia: ciência e profissão. v.24, n.2, p.32-47, Brasília, 2004.

REIGOTA, Marcos. Meio ambiente e representações sócias. 7. ed. São Paulo, Cortez: 2007.

WEBER, L. N. D. Qual a imagem que o público leigo tem do psicólogo. Documenta. CRP-08, 1, p.43-48, 1991.